

# **Pedagogia da resiliência: uma nova educação é possível?**

NASCIMENTO, Francisco Paulo do

## **RESUMO**

Trata-se de estudo propedêutico das utopias que movem ativistas da educação, objetivando arquitetar outras possibilidades educacionais capazes de despertar nos indivíduos valores para uma vida digna, justa, fraterna, de oportunidades para todos e de respeito à natureza. O método é histórico, dialético e fenomenológico, com abordagens qualitativas. Apresenta quadro sócio-histórico da educação, alusões ao mundo atual e suas vicissitudes, aduz a ideologias e a paradigmas influenciadores da formação social e dos processos educacionais. Como suporte conceitual, recorreu-se a conteúdos do **Curso “Mestres do amanhã: fazedores do futuro”, da EaD Freiriana**, do Instituto Paulo Freire, e a contribuições de filósofos da educação, da teoria da complexidade e da sociologia. Os diálogos entre os conceitos e a realidade de padecimento da sociedade e incertezas para o futuro indicam necessidade de novos processos educacionais para transformações na sociedade. Realçaram-se o papel político do professor como agente de resiliência ao emprego de paradigmas não contributivos para a vida e características de uma educação que possa propiciar um mundo melhor à humanidade. Sugere-se a adoção de princípios da Carta da Terra como guias para a elaboração de conteúdos valiosos de uma educação que privilegie todas as formas de vida e implicações para a natureza e para as pessoas, do presente e do futuro.

Palavras-chave: Educação. Resiliência. Pedagogia. Transformação.

## **Pedagogy of resilience: is a new education possible?**

### **ABSTRACT**

This is a propaedeutic study of the utopias that move education activists, aiming to architect other educational possibilities capable of awakening in individuals values for a dignified, fair, fraternal life, to opportunities for all, and respect for nature. The

method is historical, dialectic, and phenomenological, with qualitative approaches. It presents a socio-historical framework of education, allusions to the current world and its vicissitudes, and adduces ideologies and paradigms that influence social formation and educational processes. As conceptual support, we used the contents of the course “**Mestres do amanhã: fazedores do futuro**”, of the EaD Freiriana course of the Paulo Freire Institute, and contributions from educational philosophers, complexity theory and sociology. The dialogues between the concepts and society's suffering reality and uncertainties for the future indicate the need for new educational processes for transformations in society. The political role of the teacher as an agent of resilience to the employment of non-contributory paradigms for life and characteristics of an education that can provide a better world for humanity were highlighted. The adoption of Earth Charter principles is suggested as guides for the elaboration of valuable contents for an education that privileges all forms of life and implications for nature and for people, in the present and in the future.

Key-words: Education. Resilience. Pedagogy. Transformation.

## **INTRODUÇÃO**

A educação atual permite esperar um mundo acolhedor, justo, igualitário, de oportunidades para todos? Ou precisamos, inclusive os professores, voltar para a escola? Seriam oportunas reflexões sobre as crises humanitária, ética, social, econômica, ambiental, e de solidariedade e suas relações com o fazer humano?

Assistimos perplexos, como que alheios às causas, a desastres naturais frequentes, doenças pandêmicas, miséria de milhões de pessoas, desemprego, intolerância à diversidade, violências. Ao mesmo tempo, observam-se excedentes de produção em alguns lugares, avanços tecnológicos, modernização de meios produtivos e oportunidades de proteção ao tecido social e à natureza.

Estaríamos no limiar de flagelos, rumo a uma “visão destruidora do mundo” (GALVANI, 2002, p. 95) e planetarização de mal-estar social, da catástrofe coletiva citada por Russel (1982)? Para Morin (2004), o mundo está na pré-história do espírito humano, e para Laszlo (2008) entramos no despertar desse espírito

empurrados por ambiente de sofrimento, de limitações e de configurações sombrias para o futuro.

Sobre reflexões acerca da educação, em tese de doutoramento, para embasar o estudo recorreu-se a pensamentos de filósofos, teóricos da complexidade, sociólogos e educadores, cujo trecho introdutório se transcreve:

[...] Pensadores modernos da complexidade [...] e educadores [...] convidam à descoberta de outras formas de ver o mundo, à busca de elevação da consciência, da convivência com os outros e com o planeta e de saídas do labirinto em que se encontra a humanidade. Essas reflexões conduzem ao repensar do processo educacional (NASCIMENTO, 2013, p. 13).

Repensar e transformar os sistemas educacionais se afigura tarefa morosa, de idas e vindas, pois gestados e nutridos por processos sociais, aprendidos, aprovados e replicados pela humanidade, inclusas as escolas, frutos e reprodutoras desses processos e de imobilidade social.

O viver humano é forjado em experiências que formam a mente social, aprendidas na prática, e em outros processos educacionais cuja a história se confunde com a da sociedade. Ou seja, a rota de infortúnio em que a humanidade pôs o planeta e a si não é oriunda de fenômeno novo, único, alheio ao indivíduo.

Este capítulo deriva de reflexões provocadas pelo estudo de temas do curso “Mestres do amanhã: fazedores do futuro”, lecionado pelo professor Moacir Gadotti, em especial alentadas pelas “Utopias que nos movem” (EAD FREIRIANA, 2020-2021a), temática que suscita a pergunta “Uma outra educação é possível?”, fio condutor do estudo.

## **DESENVOLVIMENTO**

A formação social da realidade e modelos mentais coletivos são forjados por paradigmas<sup>1</sup> que perpassam a história, criam e sustentam verdades. Em linha kuhniana<sup>2</sup>, essas verdades são permanentes enquanto os paradigmas que lhes explicam forem irrefutáveis, sem provocar ou requerer revoluções.

“O homem é a medida de todas as coisas”, cunhou Protágoras (482-411 a.C.), filósofo sofista, realçando o antropocentrismo, paradigma que considera o ser

---

<sup>1</sup> Estrutura de crenças, modelos ou padrões aceitos pela sociedade, que permitem explicar aspectos da realidade. Representação de um padrão a ser seguido (KUHN, 2007).

<sup>2</sup> Derivada de Thomas Kuhn (1922-1996), físico norte-americano.

humano o centro do mundo e forma de vida de maior valor intrínseco, com licença para explorar e dispor das demais. O biocentrismo, pouco acolhido, reputa a pessoa um fractal da natureza, valoriza todas as formas de vida.

A frase “Penso, logo existo”, de Descartes (1596-1650), filósofo positivista, preside as formas de ser-no-mundo com primazia da razão sobre a emoção, do pensar sobre o sentir.

Entre as diversas linhas filosóficas da educação estão o existencialismo e o essencialismo. Aquela, dominante, considera o indivíduo na realidade, na convivência com o outro, vincula sua existência ao mundo prático. Esta, recessiva, sugere que a pessoa se abstraia de condicionantes do mundo real e considere o ideal, a essência humana e o dever-ser.

Após a Idade Média, abandonou-se o sistema feudal de produção e entramos no “modo capitalista”, passamos a viver sob paradigmas da luta entre capitalismo e socialismo na produção e consumo e, na educação, entre modelos socialistas/democráticos e positivistas/conservadores. E vieram o pensamento moderno e a educação realista (EAD FREIRIANA, 2020-2021b), com ensino para todos, grátis, laico, estatal.

Na educação, combateu-se o obscurantismo da Igreja e o primado da nobreza (ao clero e nobres, as ciências e as artes; ao povo, o ensino para duras lidas). A luta ensejou evolução da escola, fortalecendo a aura iluminista legada como universalidade, gratuidade, laicidade, estatalidade. Minimizou-se a prepotência do clero e da nobreza. Livre desses domínios, veio o jugo da elite .

Conforme citou Gadotti, para Marx (1818-1883), ideias iluministas na educação não avançaram muito em vista da lacuna entre discurso e prática. Proclamava-se igualdade e liberdade, mas o capitalismo nutria desigualdade (EAD FREIRIANA, 2020-2021c).

E eis o domínio de paradigmas acalentados pela burguesia e acolhidos pelo mercado, na produção e na educação. Modernização fabril, aumento do consumo, devoção aos lucros, império do mercado, tirania das finanças, preparo da elite para exercer a hegemonia cultural e da plebe para o trabalho rústico, pensamentos positivistas.

A escola positivista traria ordem pública, aceitação do status social, sem resistências nem mudanças, agourava-se. Gadotti (EAD FREIRIANA 2020-2021d) aludiu ao educador suíço Pestalozzi (1746-1827), para quem o pobre aceitaria de bom grado a

pobreza, e ao economista escocês Adam Smith (1723-1790): à elite, educação completa; aos pobres, a conta gotas.

Era a escola da estagnação social. Educar egressos da elite para legislar, governar e gerenciar; o operário para trabalhar. A educação deveria reproduzir a história da humanidade, gerar tanto consenso quanto possível, como critica Mészáros (2008) e permaneceu, em larga medida, associada a relações de produção.

Novas tensões e embates em busca de educação para a cidadania, radicalidade dos direitos humanos, socialismo na educação, escola unitária, aberta, universalista, crítica, novas relações entre trabalho intelectual e industrial, legados da modernidade arejados por ventos socialistas (EAD FREIRIANA, 2020-2021e).

Os modelos de educação são influenciados, também, pelo liberalismo, advindo com o iluminismo, com vieses de liberdade, igualdade e da burguesia. Uma de suas linhas desenvolvidas posteriormente, o neoliberalismo, carrega ares de fundamentalismo de mercado.

Os paradigmas aludidos, com outros, formam cultura, moldam e são alimentados pelos sistemas educacionais. Nuanças desses paradigmas se compensariam em pesos e contrapesos, com freios moderadores no tempo e no espaço.

Mas o pêndulo foi longe demais rumo a paradigmas menos contributivos para a natureza humana e bem-estar social. Os vetores dominantes, em simbiose, como imperialismo cultural, embasaram nossos modelos educacionais. Pobreza e fosso social crescentes, insegurança hídrica e alimentar, desastres ambientais. O que será das gerações futuras?

Mudaram as pessoas, a sociedade. A educação, não, ou muito pouco.

E que tipo de educação poderia ensejar um futuro promissor, justo e sustentável? E qual futuro, indaga o subtítulo de uma aula (EAD FREIRIANA, 2020-2021f)? Citando Freire (1921-1977), Gadotti repisa que o futuro é uma possibilidade, não uma determinação, o impossível de hoje é o viável de amanhã (FREIRE, 1996), alentando para a crença na mudança, em coro com a afirmação “desigualdade social e o dualismo educacional não são inquebrantáveis” (EAD FREIRIANA, 2020-221g).

Este tipo de mudança requer mais que voluntarismo e conhecimento da história da sociedade e da educação, clama por um conjunto de atributos docentes, individuais e coletivos. Não se afigura fácil opor-se a padrões sociais, pois os paradigmas são “construções sociais validadas pela sociedade” no dizer de Berger e Luckmann (2008), no que são apoiados por Durkheim (1858-1917): “impossível fazer com que

uma sociedade tenha, num dado momento, um outro sistema de educação que não aquele que está implicado na sua estrutura” (2007, p. 74).

Para mudanças profundas, impõem-se determinação para mudar, carecendo do que Einstein (1879-1955) chama de “propedêutica dos espíritos” (1981, p. 86), e a assunção do múnus de educador para enfrentar “os problemas econômicos concretos que condicionam a realidade social, a vida das pessoas e, em consequência, o processo educativo” (FREIRE, 1979, p. 19).

Docentes e trabalhadores da educação nutririam, em processo dialético, uma resistência inteligente para sensibilizar a sociedade sobre a torrente de mudanças no mundo, enquanto a educação permanece sem mudança.

Seria a educação da resiliência<sup>3</sup>, cujas as linhas filosóficas e processos resistiriam a práticas sociais e a paradigmas nocivos à sociedade, em rebeldia como forma de reação possível a injustiças, como lembra Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020-2021h) ao citar Ferrer (1859-1909). Essa resistência iria do pensar divergente à constante indagação sobre a utilidade dessas práticas e paradigmas para a essência humana, para a serventia no mundo, a radicalidade da democracia e da paz, a mitigação da injustiça, a primazia do bem-estar social e a sustentabilidade planetária.

Resiliência, em educação, seria a capacidade de a sociedade preservar os objetivos da educação para o aflorar da essência humana, em face de experiências, contextos e paradigmas adversos a tais objetivos.

Pellegatti (2020) cita que a resiliência é observada em participante de processo envolto em adversidades, e tem significado para quem participa. No caso da educação, o professor estaria imbuído de seu propósito, da relevância do seu papel e da importância da educação.

Pode ser potencializada, em grupos, quando cada um auxilia e aceita apoio, em sinergia buscando círculo virtuoso, fortalecendo “nossa crença de que nós também somos capazes de realizações extraordinárias”. É traço e estado psicológico para enfrentar reveses, pode ser desenvolvido, adquirido e replicado; é individual, ambiental, variável com os contextos, não inato, nem absoluto.

Resiliência para realçar a condição humana nas jornadas educativas, compreender que escolas são compostas de pessoas dialogando com outras a respeito do que

---

<sup>3</sup> Conceito oriundo da física e da engenharia. Capacidade de um material suportar energia e não sofrer deformação que altere suas propriedades.

Em psicologia significa capacidade de pessoa, grupo ou empresa enfrentar crise ou adversidade e voltar ao estado psicológico normal.

pensam e fazem os semelhantes, feitos da mesma matéria, irmãos dos demais seres vivos. Mesma origem, tribo e oca, igual destino. Servem para ensinar a luta pertinaz pela “humanização dos homens” (FREIRE, 2005) e transformar a realidade sócio-cultural.

Essa resiliência não seria mero embate ideológico, mas afronta ao que infelicitiza as formas de vida, busca pelo que nos protege, indagação sobre o quanto somos fraternos para enfrentar as crueldades do mundo que construímos e do devir.

Alcançaria analisar construções sociais e refletir sobre o que ensinar para que cada um possa auxiliar na regeneração do planeta, no revigoramento do tecido social, na mudança dos meios modos de produção e de consumo, na busca da justiça social, da solidariedade, da compaixão, da paz social, da ética planetária.

Nova educação exigirá do professor, além de mansa rebeldia e inteligente resiliência, obstinação pela mudança, lastro conceitual sobre os papéis docentes e funções da escola. Deverá compreender educação, qual Adorno (1903-1969), como “produção de uma consciência verdadeira” (2006, p. 141), necessidade política, preparação de pessoa para se orientar no mundo e questionar a realidade.

Seria o caso de adotar-se a Carta da Terra como guia transdisciplinar dos diferentes currículos? Parece-nos que sim, pois presentes princípios essenciais da vida, como se fosse uma egrégora do bem, do cuidado, embora, talvez, se estranhe a ideia de um guia geral para elaboração de currículo.

No entanto, impõe-se romper com o passado, adotando-se equações ainda não pensadas, algo inédito possível, como a ecopedagogia<sup>4</sup>, citada por Gadotti (2000), que busca educar para a cidadania global e planetária. Conceito cunhado por Gutierrez, para quem, com Prado (2002, p. 60), alude a aprender os sentidos das coisas, do dia a dia, a ser alcançada pelo conjunto de “recursos, caminhos, modos, práticas, meios e espaços pedagógicos”.

A primeira versão da Carta da Terra foi escrita em 1992, no Fórum Global, evento paralelo da Cúpula da Terra, realizado no Rio de Janeiro - Rio92. Aprovado por mais de 170 países, em 2000 o documento foi publicado, em Haia, na Holanda.

Tida como a “Carta dos Povos”, tem quatro princípios fundamentais: “respeito e cuidado pela comunidade de vida”, “integridade ecológica”, “justiça social e

---

<sup>4</sup> É um paradigma educacional, tipo de abordagem, proposta ou projeto pedagógico com uma concepção de educação integral, conjugando as dimensões humanas, econômicas, sociais e ambientais.

econômica”, e “democracia, não violência e paz”. São divididos em 16 princípios gerais, compostos por outros 61 princípios de suporte como guias de comportamentos, atitudes ou ações humanas para um futuro sustentável.

A Carta da Terra porta intenções educacionais ao propor novos hábitos e atitudes. Em vista de abordar aspectos como educação planetária, direitos humanos, democracia, diversidade, justiça econômica e social, erradicação da pobreza, não violência e paz mundial, se assemelha a currículo transversal de diversos campos de estudo.

São fundamentos de apreço a todas as formas de vida, dispensando-lhes cuidados, busca por sociedades justas, participativas, sustentáveis e pacíficas, garantindo a natureza para as gerações atuais e futuras.

Sobre integridade ecológica, leciona-se sobre rios voadores, papel das abelhas e outras formas de vida, funções das árvores, equilíbrio do clima? Isso deveria ser familiar às pessoas, compor o ensino básico, pois é interior ao indivíduo. Considerando-se a simbiose entre a natureza e indivíduos, supõe-se que a degradação do meio ambiente, antes de ser da natureza, seja da condição humana.

A pandemia de Covid 19 revelou a fragilidade da vida e um ecossistema adoentado pela exploração exagerada de recursos como se fossem inesgotáveis, e pela invasão de habitats remotos por pessoas como caçadoras de outras formas de vida. Encontramos vírus e ensejamos pandemias da falta de bioética.

Atemorizada com o Coronavírus, a humanidade vive um pandemônio. Nações de joelhos, centros financeiros, comerciais e industriais fechados; escolas, aeroportos, igrejas e templos de portas cerradas. Abertos hospitais, cemitérios e crematórios. Quão ridículo pareceu o poderio bélico de potências diante do vírus.

A desidentificação com o ecossistema seria preditiva de catástrofes, de escassez de recursos e de uma vida inóspita? O despreço do ser humano à natureza e o mal-estar geral indicariam a necessidade urgente de formação de ofícios curadores do sistema?

E que educação prevalece? A da degradação do caráter humanitário? Ou a de revisões éticas fundamentais? Não se descarta de que mentes dadas a ganância, exploração e voracidade seguirão atormentando a vida, até que a miséria de muitos desabe sobre a riqueza de poucos. Mas há que se ter resiliência para uma nova escola, uma educação contra a barbárie (ADORNO, 2006) lembrada por Gadotti (EAD FREIRIANA, 2020-2021i).



Seria utopia dialogar na escola acerca de crescer para compartilhar e distribuir e não somente para acumular, ou crescer via tecnologias e menos exploração de recursos naturais, pode significar evolução de consciências?

Seria sonho acreditar que pessoas de ideologias e crenças diferentes possam, em defesa da espécie, velar pelas outras, que o mercado, devoto do consumo, e seus senhores, possam mudar? Como seres humanos, carregamos a centelha da vida, sacralizamos vida, evitamos sofrimento e morte, e buscamos vida plena, justa e solidária, como bem leciona Boff (2007).

Não se pretende, com uma nova educação, pôr todos em patamar celestial de compreensão, mas cogitar que a paz derive de relações da pessoa consigo, com as outras, com a natureza, seja construção interior, do individual para o coletivo. Ao revés, o que se observa no embalo dos paradigmas atuais, é a deseducação do caráter e regressão moral, com retrocessos civilizatórios, dispendo nações a embates, embora dependam dos mesmos recursos.

Uma nova educação requer alguns atributos dos professores ancorados na crença de que educar é “a mais avançada tarefa social emancipatória” (ASSMANN, 2007, p. 26), e que o valor da educação é considerado segundo as necessidades do indivíduo na sua luta pela vida (SUCHODOLSKI, 2002).

O professor carrega requisitos éticos, diz Freire (2001), como agente de transformação, em permanente atitude crítica e libertadora da realidade e de problemas da humanidade, com responsabilidade solidária universal, sem “qualquer posição de indiferença, fuga, resignação ou submissão” (JERES, 1999, p. 10, apud GUIMARÃES, 2005, p. 18).

O professor guiará ao pensar sem, no entanto, definir o quê e como, alargando as paredes da educação para o aflorar de práticas da liberdade, autonomia, emancipação, solidariedade, justiça, igualdade e defesa da vida. Encorajará a pessoa a trazer para si o controle de tendências destrutivas da ordem social, como cita Mészáros (2008), e sua mitigação.

Ao mestre resiliente não bastará assumir o papel político, transformador e libertador. Deverá desejar vivamente a mudança e por ela lutar, ter fé na mudança, na sua capacidade docente. Nutrirá maestria pessoal ao associar o pensar científico, à visão de novas possibilidades e ao fazer acontecer, com entusiasmo para inspirar e guiar pares.

A preparação dos professores é indispensável, conforme lição de Freire (1996, p. 95): “[...] não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha [...]”. Além das destrezas pedagógicas, para testemunhar resiliência deverá desenvolver competências éticas e políticas, conhecer a modelagem da formação social das mentes e suas nuances, educação planetária, compreender cenários sociais e tecnológicos, funções e elaboração de currículo, bem como o contexto de sua escola e seus alunos.

## **PARA NÃO CONCLUIR**

Degradação de ecossistemas, fragilização de valores, esgarçamento do tecido social, aumento da pobreza, exclusão e redução de oportunidades. Tal quadro agravativo, a par de gerar mal-estar social, reclama por mudança, visando ao menos a estado de esperança, ainda que a reversão de tendência seja de longo prazo.

Seria o caso de iniciar uma transição para uma nova educação, para a cidadania global e planetária, que considere a formação integral da pessoa, de um lado preparando para o trabalho, de outro, alentando para sua condição humana e conexões com as demais formas de vida.

Educadores seriam atores principais para, com a profissionalidade docente formada por atitudes, competências, valores e habilidades pedagógicas, promover uma educação não fragmentária nem dualista, que labore para vislumbrar e solucionar desafios do novo milênio.

Uma nova educação, resiliente, permitiria ao homem enfrentar os desafios do mundo sob o enfoque existencialista, mas também exercitar sua condição humana em dimensão essencialista de educação planetária, a demonstrar que uma posição de vida melhor, simples, frugal, honesta, fraterna, compassiva e respeitosa com todos e com o todo, pode preferir a uma melhor posição em um tipo de vida competitiva, egoística, dominadora, gananciosa.

Oportuna a análise crítica sobre a necessidade de uma nova educação e dos paradigmas que a presidiriam, em atitude de firme resiliência para provocar transformações no campo educacional e sócio-cultural. Em um enfoque processual, as mudanças poderiam iniciar pela adoção da Carta da Terra como guia para seleção de conteúdos valiosos, conjugando-se com o paradigma da ecopedagogia.

Não seria mero transformar da educação à luz da dicotomia socialista-capitalista, conservador-vanguardista, mas de, em atitude resiliente, abandonar o que infelicita a

existência dos seres e acolher o que a protege e a salva. Seria realçar os atributos humanos que unem as pessoas e as aproxima da natureza, formando uma emanção energética de inteligências e sentimentos para reduzir a miséria, proteger o planeta, despertar para a fraternidade, justiça social, democracia, paz, e preservar os ecossistemas para as gerações presentes e futuras.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Lisboa. Edições 70 LDA, 2007.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã**: fazedores do futuro. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021a.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 2, Vídeoaula 7. **O pensamento moderno e a educação realista**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021b.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 2, Vídeoaula 8. **A idade das luzes. O iluminismo**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021c.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 2, Vídeoaula 9. **O positivismo e a ideologia da ordem**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021d.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 2, Vídeoaula 10. **O socialismo e a escola unitária**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021e.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 3, Vídeoaula 18. **Uma educação voltada para o futuro. Qual futuro?** Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021f.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 3, Vídeoaula 14 - **A desigualdade social e o dualismo educacional não são**

**inquebrantáveis**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021g.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 3, Vídeoaula 13. **Educar para a liberdade e a emancipação**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021h.

EAD FREIRIANA. **Curso Mestres do amanhã: fazedores do futuro**. Módulo 4, Vídeoaula 24. **Algumas teses**. Ministrado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020-2021i.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (Org.) São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GALVANI, Pascal. A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: SOMMERLMAN, Américo; MELLO, M. F. de; BARROS, V. M. de (Org.). **Educação e transdisciplinaridade, II**. Coordenação executiva do Cetrans. São Paulo: Triom, 2002, p. 95-121.

GADOTTI, Moacir. **A Carta da Terra na educação**. São Paulo. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Cidadania planetária: 3).

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil cidadão).

GUIMARÃES, Marcelo R. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul/RS: Educs, 2005.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz Rojas. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2002. (Guia da escola cidadã – v. 3).

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectivas, 2007.

LASZLO, Erwin. **A ciência e o campo akáshico: uma teoria integral de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

NASCIMENTO, F. P. do. **Formação de administradores de empresa: para cooperar ou para competir?** 2013. 240 f. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://www.franciscopaulo.com.br/textos>>.

PELLEGATTI, Marco. **Desenvolva sua resiliência: agora é a hora**. Disponível em: <<https://www.amana-key.com.br>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

RUSSELL, Peter. **O despertar da terra: o cérebro global**. São Paulo: Cultrix, 1982.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. São Paulo: Centauro, 2002.

**Francisco Paulo do Nascimento**. Mestre e doutor em educação. Especialista em Gestão Urbana e Municipal; Administração Pública; Desenvolvimento Local Sustentado; MBA em Gestão Empresarial. Coordenador de pós-graduação do UDF.

Sítio: [www.franciscopaulo.com.br](http://www.franciscopaulo.com.br)

C. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2795256086134251>. Contato: [fpauloadm@gmail.com](mailto:fpauloadm@gmail.com)